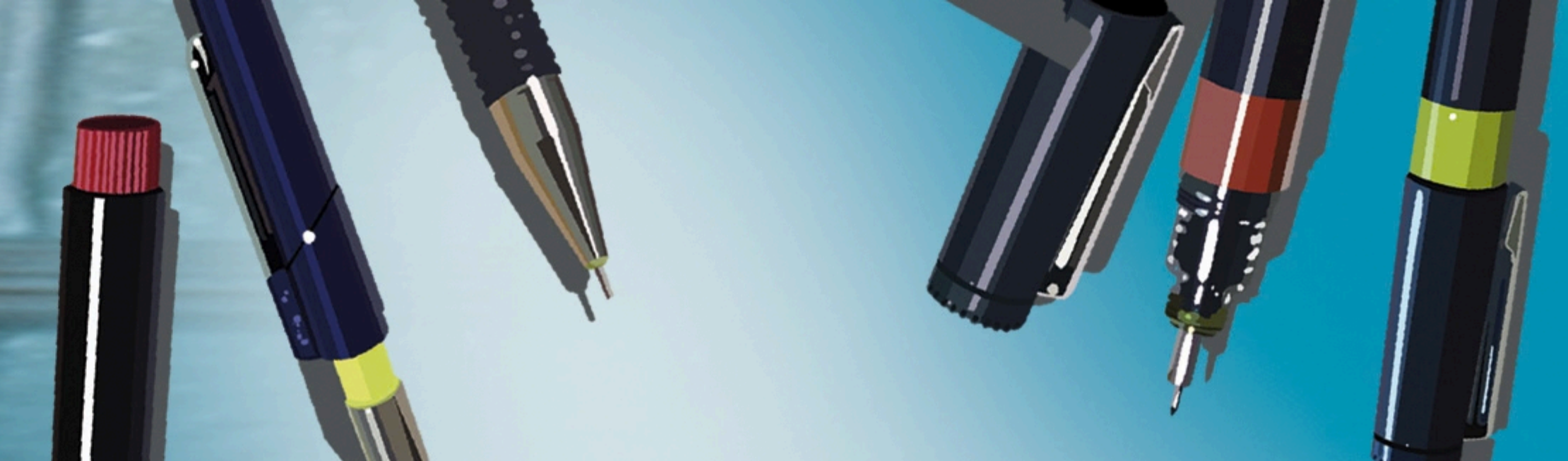




JAVIER PÉREZ GIL

*Professor de Teoria e História da Arquitetura
(Universidade de Valladolid)*

Aos 17 anos, fundou o grupo de cidadãos "Pro-Pilgrim Hostel" em León (1994-1995), que reivindicava que a Câmara Municipal fornecesse à cidade infraestrutura básica para o Caminho de Santiago.

Desse grupo surgiu a Associação de Amigos do Caminho de Santiago "Pulchra Leonina" em 1996, da qual foi membro fundador e primeiro secretário.



O Caminho como fenômeno cultural e o Patrimônio Cultural como um caminho

Em 1670, o clérigo bolonhês Domenico Laffi publicou sua obra *Viaggio in Ponente a San Giacomo di Galitia e Finisterre per Francia e Spagna*, na qual relatou suas experiências como peregrino. Em uma de suas passagens, a caminho de El Burgo Ranero, ele descreve o que lhe aconteceu ao atravessar a região do Páramo del Payuelo (Las Matas), um território por vezes confundido por visitantes inexperientes com a Tierra de Campos, apesar das diferenças geográficas e históricas, e até mesmo da limitada interação entre elas. Estamos falando, aliás, de uma região aparentemente austera, mas que possivelmente destila a essência mais pura do Caminho, já que poucos trechos, como este, podem documentar uma rede tão densa de estradas históricas (quase sistêmica em si mesma, nos termos da nova Lei 7/2024 sobre o Patrimônio Cultural de Castela e Leão: a Via Trajana, o Caminho do Sul e o Caminho Francês), e poucas paisagens o peregrino atravessará que sejam tão austeras, sóbrias e silenciosas, convidando à introspecção espiritual, que, afinal, é mais da metade do Caminho. Porque a peregrinação pode ter surgido como um fim (reliquias e indulgências), mas é sobretudo um meio, um processo pessoal e interior.

“...partimos rumbo a El Burgo Ranero, a quatro léguas de distância; porém, após percorrermos cerca de três léguas por aqueles areais, encontramos um peregrino morto e vimos dois lobos que começavam a devorar seu corpo; nós os espantamos e seguimos para El Burgo, onde chegamos já à noite; fomos procurar o capelão para que fosse recolher o cadáver e buscamos abrigo, mas este era tão precário que tivemos de dormir no chão, pois ali todos são pastores de rebanhos que habitam essa vila, composta inteiramente por cabanas cobertas de palha...”

Nesta passagem, vamos nos deter em alguns detalhes que podem passar despercebidos diante da trulência do acontecimento

Em primeiro lugar, a paisagem, que todos intuímos, mas talvez sem muita fidelidade. Três séculos não são muito em termos históricos, e não é preciso que nos descrevam aquele trecho entre Sahagún e El Burgo para que o consideremos conhecido, com seu horizonte descortinado. No entanto, naquela época, a paisagem apresentava diferenças notáveis, com áreas de pastagem comunal (tão incomuns na região de Tierra de Campos) ainda mais extensas, bem como a presença do desaparecido Monte Grande de San Benito — histórica reserva de madeira da Abadia de Sahagún que se estendia de Calzada del Coto em direção a Calzadilla de los Hermanillos, Bercianos del Real Camino e Gordaliza del Pino. Esse bosque permaneceu até a Desamortização, restando hoje apenas o vestígio do monte de Mahudes.



E, em segundo lugar, voltemos nossa atenção para a paisagem urbana, para a sua arquitetura doméstica. Laffi nos diz que era uma localidade paupérrima, “toda ela feita de cabanas cobertas de palha”. Algo nos causa estranheza. Essa não é a imagem que temos de El Burgo Ranero, nem da arquitetura tradicional que nos foi apresentada como típica daquela região — definida, desde tempos imemoriais, pelo uso do barro e de telhas nas coberturas. Mas era assim. Pelo menos há três séculos e meio, a palha predominava nas coberturas dessas povoações de Las Matas. E isso deve nos levar a refletir sobre a presença da mudança nos fenômenos culturais, enquanto expressões ou produtos de comunidades humanas que estão sempre evoluindo — às vezes de forma imperceptível e, outras vezes, como nos dias de hoje, em ritmo acelerado. O que Laffi conheceu ou percebeu foi a paisagem e a arquitetura autênticas de El Burgo Ranero — a paisagem e a arquitetura de meados do século XVII, diferentes daquelas do início do século XX. Não podemos afirmar como seria o local alguns séculos antes. E, da mesma forma, a paisagem e a arquitetura que vemos hoje são também expressões culturais autênticas de El Burgo Ranero. E não me refiro apenas às construções de taipa e adobe rebocados, mas também às modernas ou industriais, inclusive àquelas que padecem de feiura. Tão típicos daquela terra eram os pastores envoltos em capas de lã — que os mais velhos ainda chegaram a conhecer — quanto os avôs que ergueram suas casas de taipa há sete décadas, ou os netos que hoje realizam a semeadura dosando a carga a partir de um aplicativo móvel. Pois a Cultura é um processo dinâmico, e a arquitetura, uma expressão ou evidência dela, tanto material quanto imaterial.





Em junho passado, foi apresentado o novo Plano Nacional de Paisagem Cultural (2026) da Espanha, que afirma que toda paisagem é cultural (inclusive as “paisagens cotidianas”) e a define como “o resultado da interação, ao longo do tempo, entre as pessoas e o meio natural; uma expressão que se traduz em um território percebido e valorizado por suas qualidades culturais, sendo produto de um processo e suporte da identidade de uma comunidade”. Entende-se, portanto, como uma realidade dinâmica — característica que também define o nosso conceito atual de Patrimônio Cultural.

O Caminho de Santiago é, nesse sentido, um excelente exemplo de bem cultural em termos contemporâneos. Em contraposição ao antigo paradigma monumental (material, estável e legitimado por instâncias pretensamente objetivas, como a história ou a arte), ele se apresenta como um bem de valores eminentemente imateriais, dinâmico por integrar um processo cultural e vivo graças à participação da sociedade. O Caminho é patrimônio cultural e, hoje, o patrimônio cultural é também um caminho: um processo ativo que muda e avança no passo de cada comunidade humana — talvez sem um destino certo ou conhecido, mas sempre, e inevitavelmente, em movimento.

